



Bonhoeffer e a neoteocracia: Uma crítica à aproximação entre os “evangélicos” e a direita brasileira

*Bonhoeffer and the neo-theocracy: A critique of the alignment between “evangelicals” and the
Brazilian right*

Filipe Costa Machado¹

Cesar Kuzma²

Resumo: Nos últimos anos, foi possível perceber um crescimento do número de candidatos evangélicos e do espaço que eles ocupam nas bancadas parlamentares. Sendo assim, houve – e ainda há – um movimento político que se identifica como direita e como cristã que tenta dominar o governo para instaurar o que João Décio Passos chama de neoteocracia, isto é, o governo de um líder religioso que representa o divino. Esse fenômeno tem três crenças principais: um Deus *pantocrator*, uma guerra entre o bem e o mal, e um líder mitológico. Esses aspectos também foram percebidos na Alemanha nazista e, por isso, a crítica bonhoefferiana ressurgiu como uma voz necessária para o Brasil atual. Diante do Deus *pantocrator*, Bonhoeffer argumenta que se deve viver no mundo em que Deus parece não estar; em uma perspectiva bélica e dual, Cristo é o centro de toda criação; por fim, o líder mitológico não passa de um sedutor que deseja ocupar o trono do Nazareno. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o presente artigo tem por objetivo apresentar a crítica de Dietrich Bonhoeffer à aproximação entre religião e política, observada aqui no contexto das eleições brasileiras de 2018, na percepção de um alinhamento entre a direita brasileira e os “evangélicos”, com consequência para a democracia nos anos seguintes.

Palavras-chave: Dietrich Bonhoeffer; João Décio Passos; Neoteocracia; Direita Brasileira;

Abstract: In recent years, it has been possible to see a growth in the number of Evangelical candidates and the space they occupy in parliamentary benches. Thus, there was – and still is – a political movement that identifies itself as the right wing and as a Christian that tries to dominate the government to establish what João Décio Passos calls neo-theocracy, which is, the government of a religious leader who represents the divine. This phenomenon has three main beliefs: a Pantocrator God, a war between good and evil, and the mythological leader. These aspects were also perceived in Nazi Germany and, therefore, Bonhoefferian criticism resurfaces as a necessary voice for current Brazil. In the face of the Pantocrator God, Bonhoeffer argues that one must live in the world in which God seems not to be; in a warlike and dual perspective, Christ is the center of all creation; finally, the mythological leader is nothing more than a seducer who wants to occupy the throne of the Nazarene. Through bibliographical research, this article aims to present Dietrich Bonhoeffer's criticism of the rapprochement between religion and politics, observed here in the context of the 2018 Brazilian elections, in the perception of an

¹ Mestre em Teologia e Doutorando em Teologia pela PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, filipemachado91@gmail.com

² Doutor em Teologia e professor-pesquisador do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, cesarkuzma@gmail.com ou ckuzma@puc-rio.br



alignment between the Brazilian right and the “evangelicals”, with consequences for democracy in the following years.

Keywords: Dietrich Bonhoeffer; João Décio Passos; Neotheocracy; Brazilian Right.

Introdução

Quando na Europa do século XIX se começou a falar da “morte de Deus” e sobre o que esta ideia implicava na formação social e em suas relações, esperava-se que a religião perdesse cada vez mais espaço até que as sociedades se tornassem um tipo “evoluído” de comunidade arreligiosa, direcionada pela ciência e com avanços substanciais à humanidade, marcada por uma autonomia e liberdade.³ Contudo, esse não foi o resultado que se pôde observar com todos os avanços técnicos, científicos, filosóficos e sociais dos anos seguintes, mas duas guerras mundiais – e outras várias guerras locais – e a polarização mundial entre duas potências hegemônicas à época: EUA e URSS⁴, bem como o aumento da desigualdade entre pessoas e povos, exclusão e crises sociais, desastres ambientais, violência e mortes. Avançando para as duas primeiras décadas do século XXI, observamos que a religião é, mais uma vez, um importante fator que condiciona a política e a organização social do mundo, o que exige de nós um olhar ético, teológico e político sobre esse fenômeno.

No ocidente, atualmente, vê-se um recrudescimento dos grupos de direita e de extrema-direita, com pautas conservadoras, muitas vezes anti-migratórias, racistas, xenófobas e nacionalistas, com intenções excludentes, violentas e discriminatórias. Nos casos norte-americano e brasileiro, observamos que a esse dado se soma o fator religioso, com diversos segmentos cristãos que declararam apoio a partidos e políticos que se diziam evangélicos e que trariam “ordem” ao “desgoverno” da esquerda. Em terras tupiniquins, esse movimento ainda contou com o apoio da Operação Lava-Jato como importante propaganda anti-esquerda (anti-Petista,

³ Sobre este aspecto, trazemos a argumentação de Jelson Oliveira: “A *morte de Deus* é o nome simbólico-metafórico do niilismo e com ele a modernidade passa a se dar conta do esgotamento da própria racionalidade que ela reivindicou, como sua principal arma de contenção moral. *Gott ist tot* significa, portanto, a perda dos antigos sentidos de mundo, a ausência do *para que* e do *para onde* que até agora orientaram a cultura ocidental”. OLIVEIRA, Jelson. *Negação e poder: do desafio do niilismo ao perigo da tecnologia*. Caxias do Sul: EDUCS, 2018, p. 49, grifos do autor.

⁴ Com o final da Segunda Grande Guerra (1945), a polarização entre Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) passa a ocupar o cenário global, dividindo o mundo entre Leste e Oeste. Com a queda do Muro de Berlim (1989) e com o fim da URSS (1991), esse cenário mudou, porém sempre em constante tensão. A tensão entre as duas potências foi retomada com o início da Guerra entre Rússia e Ucrânia (2022).



sobretudo), atrelando a esse segmento político práticas de corrupção que tanto mancham a reputação democrática brasileira, como se esses escândalos não existissem em partidos da direita. Os anos posteriores demonstraram que essa Operação foi utilizada como instrumento político para a construção de um novo projeto de poder, alimentando-se, inclusive, da mesma corrupção que dizia combater, sem contar os desvios jurídicos e manipulações.

Dessa forma, no Brasil, criou-se um cenário favorável à direita autoritária de Jair Bolsonaro, que chega ao poder em 2019. No processo eleitoral do ano anterior, viu-se uma campanha generalizada de cristãos que declararam seu voto e chamaram os demais a fazer o mesmo. Esses são aqui chamados de “evangélicos”, isto é, a parcela dos protestantes e evangélicos que apoiaram Bolsonaro necessariamente pela questão religiosa, ansiosos pela instauração do que João Décio Passos chama de “neoteocracia”. Para estabelecer uma crítica, ainda que anacronicamente, propomos oferecer aqui uma contraposição do projeto político religioso neoteocrático aos escritos de Dietrich Bonhoeffer, mártir luterano que resistiu ao governo nazista até as últimas consequências, evidenciando a atemporalidade do teólogo.

Sendo assim, o presente artigo apresentará a neoteocracia de Décio Passos, principalmente a partir da sua obra *No lugar de Deus: ensaios neoteocráticos* (2021). Elencaram-se três características principais, isto é, a crença num Deus *pantocrator*, na existência de uma guerra entre o bem e o mal e no líder mitológico. Em seguida, há algumas considerações sobre a aproximação entre a direita e extrema-direita brasileira e os “evangélicos”. Por fim, tem-se a crítica bonhoefferiana, sobretudo a partir de suas obras *Ética* e *Resistência e Submissão*, com apoio de apontamentos trazidos por Eberhard Bethge e Carlos Caldas.

Neoteocracia

Desde o século XVIII, a religião e o teísmo são percebidos como fenômenos que estão perdendo espaço na sociedade, seja no âmbito das ciências humanas, com as suas independências da teologia, seja no âmbito da política, com a separação entre religião e governo na Europa e na América do Norte do século seguinte. Posteriormente, no ocidente, o laicismo dos estados se tornou a regra geral, a teologia perdeu espaço na academia e as sociedades de maneira geral foram se tornando cada vez mais emancipadas do divino. Nesse sentido, pode-se dizer que o paradigma teísta ficou no passado e surgiu um novo, aqui chamado de pós-teísmo: “A era do



teísmo vai chegando ao fim. O motivo que leva a isso não é a campanha militante feita contra ele (como p.ex. no marxismo primitivo), mas o desaparecimento de sua base material na relação do homem com o mundo”⁵.

O pós-teísmo, como a pós-modernidade, não tem uma definição consensual entre seus estudiosos. Esperava-se para a atualidade, ou para um futuro próximo, a superação da religião com o surgimento de uma espécie de ser humano secularizado e “evoluído”, isto é, um ser humano independente e não influenciado, dominado ou manipulado pela influência religiosa, autônomo e científico, dominador da natureza e das ciências humanas.

Assim, o pós-teísmo também envolve como consequência a superação da religião, considerada uma invenção funcional para a era neolítica em que nasceu, mas inadequada e substancialmente inservível para a humanidade adulta e autônoma do pós-iluminismo. O paradigma pós-teísta, portanto, caminha de mãos dadas com o paradigma pós-religioso⁶.

Nesse sentido, na Europa ocidental e na América Latina, busca-se há décadas um novo sentido em se falar do divino sem causar estranheza aos ouvidos secularizados dos fiéis, ou uma espécie de cisão dual entre céu e terra, imanente e transcendente. De outra parte, as elites intelectuais parecem já abandonar a religião, até mesmo da vida privada, com um número de pessoas que se declaram ateus e agnósticos cada vez maior nas universidades e nas classes artísticas. A história de salvação judaico-cristã é entendida como uma mitologia do teísmo já superado; o divino se transforma num mistério pouco parecido com o Jesus de Nazaré; e “Deus, objeto de disputas apaixonadas até bem pouco tempo, já é como a avó na residência, uma lembrança, uma presença distante”⁷. A religiosidade se tornou espiritualidade; “Deus”, uma palavra com muitos significados.

Por outro lado, ainda que o pós-teísmo tenha ganhado espaço no final do século passado e seja predominante em alguns setores da sociedade, o teísmo persiste na religiosidade popular, principalmente no Brasil, onde grande parte da população é cristã.⁸ Isso significa que, em terras tupiniquins, a maior parte do povo brasileiro acredita num Deus que cria e sustenta sua criação,

⁵ VEIT, Marie. A pergunta por Deus em uma era pós-teísta, *Estudos Teológicos*, v. 20, n. 1, 1980, p. 19.

⁶ IACOPINI, Beatrice. Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo. *Cadernos Teologia Pública*, v. 20, n. 163, 2023, p. 8.

⁷ ARREGI, José *et al.* *Después de Dios: otro modelo es posible*. Nuevo Tempo Axial, 2021, p. 9. Disponível em <<https://amerindiaenlared.org/contenido/19429/libro-digital-despues-de-dios-otro-modelo-es-posible>>. Acesso em: 19 set. 2023.

⁸ SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração, 2020. p. 73.



que age historicamente; vai para as igrejas aos fins de semana, ouve homilias e pregações e participa da vida social a partir de uma cosmovisão cristã-teísta.

Os sentimentos mais elevados, condensados em um Ser ao qual atribui tudo o que emociona. Um Ser independente de nós, geralmente ‘acima’, figurativamente no céu físico e, pela ‘educação lactante’, tido como o mais real e o mais digno de respeito. Damos-lhe voz e obedecemos-lo. Graças a ele, carregamos dentro de nós uma espécie de otimismo silencioso que, a longo prazo, nenhuma tragédia é capaz de reduzir ao silêncio absoluto. Graças a Ele, o mistério da vida seria desvendado luminosamente⁹.

Essa é a descrição da maior parte do povo brasileiro, foco do presente estudo. Estão presentes no imaginário popular os valores e a educação de base cristã: “a sobrevivência de uma consciência teocrática se mostra viva e, em nossos dias, adquire expressões que até bem pouco tempo seriam desacreditadas como coisa definitivamente superada”¹⁰.

Esse fato se torna particularmente importante quando é visto sob o paradigma político. Cristãos – católicos e “evangélicos” dominam esse grupo – gozam dos direitos políticos estabelecidos na Carta Magna [Constituição], os quais são destinados a todos os cidadãos brasileiros independente de suas crenças. Por isso, a cosmovisão cristã – expressão predominante do teísmo brasileiro – é fundamental para entender o jogo democrático do país, que nas eleições de 2018 viu uma presença mais atuante do segmento evangélico, além de polarizações já disseminadas por todo o mundo. Sobre esse fenômeno nas eleições, pesquisas mostram que Bolsonaro conseguiu atrair o voto evangélico numa proporção muito maior do que seus adversários, explorando, para este fim, a presença de lideranças pentecostais e neopentecostais em diversas comunidades, bem como o uso de temas sensíveis à fé e à moral.¹¹ Essa força se soma a uma parcela significativa do catolicismo conservador, que tem crescido no Brasil e que gera uma espécie de “ecumenismo de interesses” com incidência na vida política.¹²

Nesse sentido, argumenta-se aqui que a predominante e atual consciência teocrática pode se voltar para a política como a busca pela consolidação de um novo tipo de governo, um

⁹ ARREGI, 2021, p. 10. Tradução livre.

¹⁰ PASSOS, João Décio. *No lugar de Deus: Ensaios (neo)teocráticos*. São Paulo: Paulinas, 2021. p. 8.

¹¹ LACERDA, Fabio; BRASILIENSE, José Mario. Brasil: la incursión de los Pentecostales en el Poder Legislativo Brasileño. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastian (Eds.). *Evangélicos y poder en América Latina*. 2. ed. Lima: Konrad Adenauer Stiftung (KAS); Instituto de Estudios Social Cristianos (IESC), 2019. p. 223-259.

¹² CUNHA, Magali. Bolsonaro é o presidente que adere, sobe no altar e dá vazão à pauta de evangélicos. Entrevista especial com Magali Cunha. 23 set. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159--noticias/entrevistas/592752-bolsonaro-e-o-presidente-que-adere-so-be-no-altar-e-da-vazao-a-pautas-de-evangelicos-entrevista-especial-com-magali-cunha>>. Acesso em 19 set. 2023.



governo cristão, em que Deus é quem rege o país por meio dos seus líderes religiosos. A isso chama-se “neoteocracia”. Essa neoteocracia é, portanto, o exercício de poder dos religiosos (no Brasil, cristãos), a partir de fundamentos religiosos.¹³ Possui o prefixo “neo” por ser uma expressão nova desse antigo modelo, que perdeu o espaço com o enfraquecimento do teísmo e a separação entre Igreja e Estado na Modernidade, mas que ressurgiu com características próprias.

Essa neoteocracia, apresentada por João Décio Passos, tem alguns atributos principais, aqui condensados em três tópicos: a crença em um Deus *pantocrator*, numa guerra entre o bem e o mal e no líder mitológico.

Deus pantocrator

A ideia de um Deus *pantocrator* está presente na Bíblia Hebraica (BH), mais especificamente no judaísmo tardio. A partir dos relatos proféticos, religião de Israel, Deus se tornou aquele que usa as outras nações com seus propósitos, seja para castigar, seja para instruir seu povo. Por isso, Deus (Adonai) passa a ser entendido como um Deus acima de todos, o ‘Deus dos exércitos’, diante de quem todas as demais divindades não passavam de ídolos. O termo ‘todo-poderoso’ aparece na LXX – tradução grega da BH – como ‘*pantocrator*’ para evidenciar a transcendência divina que tudo pode e age na história de acordo com seus desígnios, que não podem ser evitados.¹⁴

Essa ideia do *pantocrator* alimenta o imaginário popular com a esperança de que a divindade vai mais uma vez entrar na história e agir em favor do seu povo, como fez tanto no Primeiro quanto no Segundo Testamento. Para isso, basta que os fiéis lhe sejam obedientes e ela os retribuirá com o favor merecido. Essa mentalidade acompanha a religião – mitologia – judaica e cristã em todas as suas histórias, desde as respectivas fundações até as expressões de fé de cada uma na contemporaneidade.

A consciência religiosa se alimenta do poder de Deus, a ele recorre primeiramente por meio das súplicas e aí ele se achega por meio de louvores como fonte inesgotável de todas as graças. A negação de um Deus todo-poderoso, ou seja, de um ator absoluto que atua como causa direta na natureza e na história, constitui a maior de todas as heresias para os crentes de um modo geral, mas também para as ortodoxias que controlam

¹³ PASSOS, 2021, p. 11.

¹⁴ ESTRADA, Juan Antonio. *Las muertes de Dios*. Ateísmo y espiritualidade. Madri: Trota, 2018. p. 63.



as instituições religiosas. Deus é poder inequívoco; mais que isso, é o único poder verdadeiro, sendo todos os demais poderes nada mais que os exercícios transitórios de reles mortais¹⁵.

Nesse sentido, a salvação do povo sempre virá não de si mesmo, de seus esforços comunitários para a construção de uma sociedade melhor, mas da atuação divina mágica e miraculosa. É Deus que protege e socorre a nação diante dos mais diversos males internos ou externos. A obediência é fundamental, pois trará sua recompensa pela interferência de Deus; rituais, súplicas, orações, cultos, doações, tudo tem espaço nessa mentalidade a fim de receber o favor divino, que não pode ser evitado.

As afirmações recorrentes de que “para Deus nada é impossível”, de que “tudo o que acontece é por vontade de Deus” ou ainda “se Deus quiser isso vai dar certo” e “Deus tá no comando”, expressam nos hábitos de linguagem a percepção da natureza poderosa e salvadora de Deus. As dificuldades de todas as ordens com que o fiel se depara encontra a sua causa e sua solução em Deus. A vida próspera é fruto de sua benevolência, assim como as intempéries são resultado de suas condenações e castigos. E mesmo nas narrativas oficiais das tradições religiosas essa convicção sobrevive como consciência intocável, resistente a qualquer releitura nacionalizadora que possa relativizá-la, desbancá-la¹⁶.

No caso específico do cristianismo, religião que de alguma forma fundamenta os movimentos neoteocráticos brasileiros dos últimos anos, a ênfase recai sobre os textos veterotestamentários que prometem recompensas e bênçãos a partir da obediência do fiel e castigos para os desobedientes – também entendida como a teologia da retribuição. O texto chave para essa mentalidade é o de Deuteronômio 28, em que claramente se descrevem todos os prêmios e maldições diante, respectivamente, da fidelidade e infidelidade do seguidor de Deus (Adonai). A perspectiva neotestamentária jesuânica de *kenosis* e entrega, como também de serviço, fazendo-se próximo ao outro, parece esquecida da mentalidade neoteocrática, pois não advoga em favor de um Deus *pantocrator*, mas de um Deus moribundo, crucificado, fraco: “A cruz foi esquecida, o caráter ‘todo-poderoso’ do deus teísta não”¹⁷. Nesse sentido, o sofrimento é inaceitável para o crente que segue o Deus todo-poderoso capaz de sempre intervir em favor dos seus.

Afinal a quem serviria um Deus que não fosse poder; que não estivesse disponível a intervir na vida do fiel com suas forças capazes de desviá-los dos cursos trágicos da existência. Aliás, nada se mostra mais consensual na vida religiosa. Universo está sob comando permanente de Deus e as práticas religiosas consistem na oferta dos acessos a esse poder, único capaz de salvar o ser humano de seus limites imponderáveis. A crença no

¹⁵ PASSOS, 2021, p. 29.

¹⁶ PASSOS, 2021, p. 111.

¹⁷ VEIT, 1980, p. 23.



milagre de todas as espécies, afirmação do poder da oração como solução das crises e as relações de Aliança e contrato estabelecidas com Deus, por meio de determinados rituais, expressam desde sempre essa imagem do divino¹⁸.

Outro aspecto importante do texto veterotestamentário que fundamenta a neoteocracia é a guerra travada entre povos e seus deuses, entre o bem e o mal.

Guerra entre bem e mal

Está presente no texto bíblico a noção de uma guerra entre o bem e o mal de duas formas distintas. Primeiramente, em relatos da Bíblia Hebraica de guerras entre povos, como na conquista de terras ou nas disputas com outras nações do período monárquico. Um texto chave dessa compreensão é Êxodo 17, em que os israelitas disputam com amalequitas e o povo de Israel só vence a batalha enquanto Moisés está com as mãos levantadas; os primeiros, contrários à vontade de Deus, são entendidos como maus, pois estão contra o divino. Em segundo lugar, tem-se a guerra espiritual neotestamentária, tipificada pela luta entre anjos e demônios, em meio à qual os cristãos são desafiados a vestir a armadura de Deus (Ef 6,11-12), resistir ao diabo (Tg 4,7) e crer na vitória escatológica (Ap 12,7-9). Sendo assim, tipifica-se a relação entre o cristão e o mundo como uma disputa entre o bem e o mal, a verdade e a falsidade, Deus e demônios.

No contexto das teocracias, também se tem a guerra dos deuses.¹⁹ O Deus *pantocrator* alista seus soldados para participarem com ele na guerra contra os seres malignos que podem ser, no âmbito político, a esquerda ateia e secularizada, ou, no âmbito social, as guerras sentidas nas periferias entre facções e polícias. Isso é visto principalmente nas constantes declarações de deputados “evangélicos”, que afirmam existir uma batalha espiritual entre divindades de matriz africana e os representantes da família e da pátria.²⁰ Esse falso dualismo é, enfim, intolerância religiosa, que cria a ilusória disputa entre o bem e o mal, tão presente nas neoteocracias e já há muito tempo no neopentecostalismo. O inimigo comum e a guerra são as justificativas e forças de

¹⁸ PASSOS, 2021, p. 110.

¹⁹ PY, Fábio. Cristofascismo, uma teologia do poder autoritário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sócio-religioso. *IHU On-Line*. São Leopoldo, 01 jul. 2020. Disponível em <<https://www.ihu.unisinos.br/600150-cristofascismo-a-uniao-entre-o-bolsonarismo-e-o-maquinario-politico-socio-religioso-entrevista-especial-com-fabio-py>>. Acesso em: 17 jun. 2023.

²⁰ CAMURÇA, Marcelo. Intolerância religiosa e a instrumentalização da religião pelo autoritarismo. *Religião e Poder*. Rio de Janeiro, 15 set. 2021. Disponível em <<https://religioepoder.org.br/artigo/a-intolerancia-religiosa-como-forma-de-instrumentalizacao-da-religiao-pela-politica-e-pelo-poder-autoritario/>>. Acesso em: 17 jun. de 2023.



motivação para a união do povo e obediência ao líder. Busca-se centrar o apoio popular na comoção perante o mal que ronda por meio de grandes inimigos e o anseio da salvação urgente, o que permite agregar todo o grupo em torno de um sentimento comum e de uma fé comum. Esse sentimento agregador de uma solução salvadora dos perigos resgata e constrói a pátria.²¹

Nesse sentido, percebe-se que a lógica neoteocrática se alimenta da perspectiva bélica presente no texto bíblico e a aplica no contexto histórico contemporâneo, atribuindo às crises econômicas ou sociais a atuação do mal, da esquerda anticristã, assim foi com os judeus na Alemanha nazista e assim se age com quaisquer outros grupos sociais que se queira combater. Toda neoteocracia, portanto, é violenta por pregar uma guerra contra a alteridade e o domínio de um grupo só, aquele que representa o divino e é responsável por instaurar um governo de Deus.

Por isso também se vê na neoteocracia uma aproximação entre grupos religiosos e os militares, ambos desejosos de participar de uma vitória bélica, quer no âmbito espiritual, quer no natural. Por um lado, a intervenção divina é entendida como fundamental para a proteção do militar em todas as suas atividades de risco, num treinamento ou numa batalha. De outra parte, as igrejas obtêm apoio desse grupo no âmbito político e social, na segurança ou no incentivo à participação. É um casamento que vem se consolidando nos últimos anos, em que ambas as partes se beneficiam: “Pode-se dizer que a casta clerical dos reverendos se sente afinada com a casta militar com sua teologia da batalha que confronta os bons e os maus e oferece a vitória iminente do Reino de Deus”²².

Líder mitológico

Além do controle absoluto e da possibilidade de intervenção de Deus na história, a neoteocracia advoga em favor do comando do estado por líderes religiosos, pois, por meio deles, a divindade governaria diretamente a nação, promovendo a ordem social necessária para o desenvolvimento do povo. Esses líderes-sacerdotes são revestidos da autoridade divina para a missão pessoal de implementação de um governo igualmente divino: “O líder político emerge como fruto de um movimento histórico em determinado contexto e se apresenta como portador de um projeto político a ser implantado em nome de Deus ou de uma divindade”²³.

²¹ PASSOS, 2021, p. 117.

²² PASSOS, 2021, p. 35.

²³ PASSOS, 2021, p. 57.



Esse líder evoca para si as expectativas da população de salvação, principalmente no âmbito de crises econômicas e políticas, quando a descrença no processo democrático se torna geral. É comum, portanto, que sejam eleitos de forma democrática – casos de Chávez, Bolsonaro, Trump e, o exemplo mais crítico da História no século XX, Hitler – e em seguida mudem ou tentem mudar essa forma de governo numa ação autoritária ou tirânica a partir de apoio popular. Além disso, reforça a própria imagem como alguém que ama a pátria, que fará tudo por ela e, por conseguinte, pelos cidadãos, unificando-os num único povo ufanista com apoio de Deus, pois por ele foram escolhidos.²⁴

O líder mitológico, uma vez eleito, não precisa mais da democracia; carrega em si a legitimidade divina. Ele está acima do povo e da Lei; encontra-se “abaixo somente de Deus”²⁵. Representa todo o país, ou pelo menos a maioria diante da qual as minorias devem se curvar. Ele é a imagem do pai protetor da nação-família, cuja mãe é representada pela pátria, numa união simbólica que valida a neoteocracia.²⁶ Essa tese se aproxima muito do que foi apresentado por Carl Schmitt em sua *Teologia Política*²⁷, na qual discorre sobre a figura do soberano e do estado de exceção, que dá base para a ação de um ditador, um tirano, e que foi abraçada por Hitler, com adesão do próprio Schmitt.

Por isso também líderes neoteocráticos apelam para ideologias liberais, que advogam a diminuição do Estado para valorizar a liberdade individual. Reúnem-se, portanto, militares – no âmbito da guerra entre o bem e o mal –, religiosos – no conservadorismo moral e na liderança mitológica – e a direita liberal – que deseja diminuição do poder público.²⁸ Agregam-se a esse grupo as parcelas mais populares da sociedade, esperançosas de renovação política devido a crises econômicas e negligência do Estado, além de denúncias constantes de corrupção. Mesmo sendo um grupo bastante heterogêneo, com valores muitas vezes contrários, o líder mitológico

²⁴ PASSOS, 2021, p. 69.

²⁵ No Brasil, principalmente no meio militar, expressão comumente usada para se referir à pátria. Outra forma parecida do mesmo lema enfatizado por Bolsonaro é “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo”. Sobre o sentido dessa frase e suas referências na história, também no nazismo, ver: KUZMA, Cesar. A urgência de uma teologia política: crítica e desafios para o atual contexto brasileiro. *Revista de Cultura Teológica*, n. 96, p. 72-75, mai./ago., 2020. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/50331>>. Acesso em: 23 set. 2023.

²⁶ PASSOS, 2021, p. 102.

²⁷ SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. Del Rey: Belo Horizonte, 2006.

²⁸ BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019. p. 37-42.



congrega-os a partir da sua aura sagrada, da sua salvação divina, da sua força infalível, da sua agressividade necessária na luta pelo povo.

“Evangélicos” e a direita

O termo “evangélico”, ainda que reúna setores sociais bastante heterogêneos, é aqui usado com aspas para marcar os grupos que seguem a identificação de Magali Cunha, isto é, caracterizados por realizar uma leitura fundamentalista do texto bíblico, por enfatizar a salvação da alma, por rejeitar a cultura não cristã e por se isolar das demandas sociais, entre elas a participação política.²⁹ Contudo, desde a segunda metade do século XX, essa última característica foi alterada, com a formação de uma bancada evangélica em 1986. De lá para cá, observou-se um fortalecimento do segmento pentecostal e ocupação de espaços nas mídias tradicionais, crescimento do mercado religioso, consolidação da bancada evangélica e emergência de ativismo político³⁰.

Duas igrejas ganharam notoriedade nesse âmbito, a Assembleia de Deus (AD) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Atualmente, no Brasil, a denominação predominante entre os evangélicos é a AD. O Censo de 2010 mostrou que existiam 12 milhões de “assembleianos” no país. Já a IURD tem 2 milhões de membros. No total, são 42 milhões de evangélicos.³¹ Esses números devem ser ainda maiores no censo seguinte, a partir de dados que já são apurados e por pesquisas realizadas por outras agências, que trazem um “crescimento vertiginoso”³².

Ambas as denominações montaram partidos políticos à direita do espectro político, além de possuírem representantes em cargos importantes como ministérios – Marcello Crivella, George Hilton, Ronaldo Nogueira –, além da nomeação do evangélico Eduardo Cunha – que se mudara para a AD – para presidente da Câmara dos Deputados, em 2015, sendo ele peça chave

²⁹ CUNHA, Magali. Religião e política no Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000: o protagonismo dos evangélicos. *Fronteiras*, v.3, n.1, 2020, p. 44.

³⁰ CUNHA, 2020, p. 41. Nesse sentido, nem todo evangélico é aqui tratado como “evangélico”, mas apenas o setor que segue as características citadas por Magali Cunha e participam desse movimento político, social e mercadológico. Por essa razão destacamos entre aspas. Isso significa que a maior parte dos “evangélicos” está nas denominações pentecostais e neopentecostais, mas também se encontra no protestantismo histórico – batistas, protestantes, metodistas, luteranos e outras.

³¹ SPYER, 2020, p. 76.

³² ARAUJO, Victor. Igrejas evangélicas apresentaram crescimento vertiginoso no Brasil nas últimas décadas. São Paulo: Jornal da USP, 6 jun. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/igrejas-evangelicas-apresentaram-crescimento-vertiginoso-no-brasil-nas-ultimas-decadas/>>. Acesso em: 24 set. 2023.



para o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, um golpe parlamentar que foi sustentado pela elite econômica e política do país, trazendo ruptura democrática e como consequência perda de direitos trabalhistas e sociais para grande parcela da população.³³ Por fim, a eleição de Jair Bolsonaro com pleno apoio “evangélico” é o ápice desse movimento até o presente.³⁴ Outros segmentos evangélicos, como as Igrejas históricas, também ganharam espaço. Deltan Dallagnol (ex-procurador da Operação Lava-Jato e deputado cassado por irregularidades em 2023), que faz parte da Igreja batista em Curitiba, junto com o ex-ministro e atual senador Sérgio Moro, representam uma espécie de messianismo anticorrupção, portanto, não se pode excluir dessa articulação a participação das denominações tradicionais. Em todas essas expressões do cristianismo que se define como protestante ou evangélico brasileiro, há “evangélicos”.

Os grupos pentecostais e os cristãos pentecostalizados são os protagonistas diretos desse extravasamento que hoje se encontra em curso no governo brasileiro. Se, para esses, até não muito tempo o poder de Deus se opunha aos poderes humanos, distantes de Deus das coisas de natureza espiritual, agora descobriram que é possível levar Deus até o coração da coisa pública e acionar seu poder por meio de líderes investidos para essa missão salvadora³⁵.

Eles apoiam o que Magali Cunha chama de “neoconservadorismo”, isto é, um conservadorismo contrário às mudanças pelas quais o país passou desde a ascensão dos governos de esquerda em 2002.³⁶ As causas progressistas ligadas aos movimentos feministas e LGBTQIA+ são vistas como um ataque à “família tradicional” – o arranjo familiar composto de pai, mãe e filho(s). Além disso, o comunismo é visto como um inimigo direto das igrejas e de Deus, portanto, devem ser combatidas todas as ações políticas à esquerda, bem como seus responsáveis.

A figura de Jair Bolsonaro, então, torna-se fundamental para esse neoconservadorismo. Mesmo atuando como deputado federal há quase três décadas, Bolsonaro encarnou a narrativa do político “apolitizado”, *outsider*, isto é, aquele que não estava no jogo de poder democrático realizado por tanto tempo principalmente pelos partidos PT e PSDB. Nessa visão messiânica que se construía, somente ele poderia resolver a crise econômica e social pela qual o país passava:

³³ Sobre o episódio de Eduardo Cunha e o impeachment de Dilma Rousseff, há uma extensa bibliografia. Recomendamos, também, o documentário de Petra Costa, *Democracia em vertigem*, de 2019, que explora os bastidores e já antecipa a figura e a consequência da eleição de Bolsonaro para o país.

³⁴ CUNHA, 2020, p. 44.

³⁵ PASSOS, 2021, p. 9.

³⁶ CUNHA, 2020, p. 43.



A insegurança e o medo criam as massas ávidas de solução para suas expectativas. A sequência medo-massa-salvação constrói as neoteocracias. A dissolução iminente não pode contar com saídas oferecidas pelo poder otimizado, no caso, pelo aparelho regular do Estado, nem mesmo pelas regras do jogo democrático. Só um Messias político pode oferecer saídas seguras. Os mitos se encarnam em personagens e promessas³⁷.

Nessa busca pelo apoio dos religiosos, Bolsonaro simbolicamente muda de partido, do PP ao PSC, e é batizado no rio Jordão, o que indicaria sua “conversão” à fé evangélica, tornando-se a encarnação do mito político-messiânico. Tem-se, portanto, o fundamento do respaldo evangélico ao ex-militar que governará em nome de Deus e como seu representante: “Estado laico, mas governo religioso”³⁸.

Silas Malafaia e Edir Macedo – líderes da AD e IURD respectivamente – apoiaram timidamente Lula em 2002, mas o demonizaram na eleição anterior contra Collor.³⁹ Da mesma forma, em 2022, os líderes pentecostais e neopentecostais acusaram a esquerda de imoralidade ligada à sexualidade e de promover as políticas de identidade de gênero, desvalorizando a “família tradicional”. O apoio a Jair Bolsonaro ignora questões importantes como a contradição entre a explícita ordem bíblica do “Não matarás” (Ex 20,13) e a fala recorrente “bandido bom é bandido morto” para defender pena de morte ou execuções por parte das forças policiais. Por fim, a ênfase na valorização da “família tradicional” é incoerente com o histórico de divórcios do ex-presidente. A escolha pelo ex-militar na campanha de 2018, portanto, não é bíblica – obviamente –, mas arbitrária e serve a interesses individuais desses líderes religiosos; busca-se construir, portanto, um projeto de poder, um projeto de Brasil.

A doutrina pentecostal assembleiana, baseada nos preceitos defendidos oficialmente pela instituição em documento com sua Declaração de Fé, publicada em 2017, é absolutamente baseada na possibilidade de transformação do ser humano em abandonar sua vida pregressa da criminalidade, por exemplo, e ser reinserido na sociedade. O então candidato do PSL chega com um discurso baseado na máxima do “bandido bom é bandido morto” e, mesmo assim, garante a aderência dos pentecostais na sua base eleitoral⁴⁰.

Contudo, pela lógica da neoteocracia, tanto o líder maior do executivo quanto os líderes pentecostais e neopentecostais – pastores, apóstolos ou qualquer outro nome autoatribuído – são

³⁷ PASSOS, 2021, p. 15.

³⁸ PASSOS, 2021, p. 103.

³⁹ BALLOUSSIER, Anna Virginia; BOGHOSSIAN, Bruno. Datafolha: Evangélicos não trocam Bolsonaro por Lula, apesar de aborrecidos com governo. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 set. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/datafolha-evangelicos-nao-trocam-bolsonaro-por-lula-apesar-de-aborrecidos-com-governo.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

⁴⁰ XAVIER, Liniker. Eleições 2018 e os valores cristãos na escola dominical: convergências e contradições pentecostais. *Interações*, v. 14, n. 25, 2019, p. 102.



vistos pelos fiéis como escolhidos por Deus para cuidar do povo. Nesse sentido, se o pastor apoia candidato A ou B, também o cristão deve fazê-lo. Isso pode ser visto com a opinião “evangélica” imutável sobre a gestão bolsonarista durante a pandemia. Mesmo com a administração desastrosa durante a crise sanitária da Covid-19 nos anos de 2020, 2021 e 2022, em setembro de 2021, o Datafolha estimou que 29% dos evangélicos ainda consideravam o governo de Jair Bolsonaro “bom ou ótimo”⁴¹, apesar das trocas de ministros, a escolha por um Ministro da Saúde militar que nunca trabalhou com saúde pública, a valorização de tratamentos sem eficácia comprovada, o desestímulo ao uso de máscaras e outros cuidados, a total falta de empatia pelos enlutados e a demora na aquisição de vacinas, bem como as investigações sobre denúncias de corrupção na compra dos imunizantes.

Sendo assim, percebe-se que o apoio ideológico dos líderes “evangélicos” à extrema-direita bolsonarista está disfarçado de religioso, mas é sobretudo conservador e autoritário: eles querem cada vez mais espaço na administração pública, a fim de garantir sua existência e até impor seus valores aos demais. Para isso, negligenciam e ignoram todas as evidências claras de que os líderes não são propriamente seguidores do Nazareno, bem como atacam a ala esquerda como adversária do cristianismo, da Neoteocracia.

Ainda que buscar mais espaço político possa ser considerado um comportamento recorrente na Democracia, a imposição dos valores religiosos à sociedade é problemática, como diz Rudolf von Sinner: “Quando se torna uma disputa pela hegemonia, porém, não apenas no campo religioso, mas também no campo político, visando impor valores e práticas a todos os cidadãos, torna-se um sério desafio à sociedade pluralista e ao estado laico”⁴². Porém, a crítica desse artigo não é a essa atitude política – considerada prejudicial à sociedade brasileira –, mas a deturpação dos valores do Cristo em valores “evangélicos”. Nesse sentido, o foco em família, sexualidade heteronormativa, drogas, aborto, desarmamento e até a embaixada em Jerusalém⁴³ – temas não tão comuns ou inexistentes nas pregações jesuânicas – ignoram o apelo constante de entrega e amor ao próximo dos Evangelhos; do ponto de vista da administração pública, essa ênfase afasta problemas sociais e ambientais urgentes para a periferia da discussão política.

⁴¹ BALLOUSSIER; BOGHOSSIAN, 2021.

⁴² SINNER, Rudolf von. Is There No Sense of Shame Among Evangélicos?: The Idolatry of Bolsonaro and the Constraints of the Gospel. *International Journal of Public Theology*: v. 16, 2022, p. 3. Tradução livre.

⁴³ XAVIER, 2019, p. 108.



O conservadorismo une grupos diferentes em torno da direita, inclusive católicos. Nesse sentido, não é exclusividade dos “evangélicos” e sempre esteve presente na sociedade brasileira. O próprio Bolsonaro usa dessa aproximação com o catolicismo, dizendo que é católico e mantendo proximidade com lideranças religiosas católicas (padres e bispos), participando de celebrações importantes e da eucaristia em eventos culturalmente simbólicos para a cultura católica no país, além de segmentos ultraconservadores, como o Centro Dom Bosco no Rio de Janeiro e movimentos de linha carismática, como a Canção Nova, Renovação Carismática Católica, e outros. Podemos dizer ainda que o Brasil deixou de ser oficialmente um país cristão, mas o cristianismo ainda é predominante.⁴⁴ Contudo, não se percebem disseminados na sociedade os valores do Nazareno e seu seguimento. Pelo contrário, a narrativa religiosa é sequestrada num projeto político que nada tem de jesuânico. Por isso, a voz de Bonhoeffer, silenciada pelo martírio e que clama pela entrega dos cristãos ao discipulado de Jesus, merece mais uma vez ser ouvida.

A crítica bonhoefferiana

Diante das atrocidades da 2ª Guerra Mundial, muitos teólogos se sentiram na obrigação de rever a forma como se compreendia a ação de Deus no mundo. A questão do mal e da justiça divina – a teodiceia – estava mais uma vez em pauta. Como perguntou um aluno de sétimo ano de Marie Veit: “Se Deus realmente está aqui e tudo pode, por que é que Hitler pode fazer tudo o que quer? Deus poderia impedi-lo!”⁴⁵.

O período pós-guerra, portanto, foi um tempo de profundas análises e produções teológicas a partir de críticas necessárias. “Para a fé cristã, este fato não representa um desastre, mas a chance de readquirir o *proprium* cristão no discurso a respeito de Deus. [...] A nova formulação da fé deve ter seu ponto de partida na cruz.”⁴⁶. Nesse sentido, um dos grandes representantes da teologia do século XX que encarnou essa renovação cristológica – até às últimas consequências – foi Dietrich Bonhoeffer.

⁴⁴ VALERIO, Samuel. Pentecostalismo, catolicismo e bolsonarismo: convergências. *Revista brasileira de História das Religiões*, n. 37, 2020, p. 128.

⁴⁵ VEIT, 1980, p. 22.

⁴⁶ VEIT, 1980, p. 19.



Bonhoeffer foi um teólogo e pastor alemão, que nasceu em 1906 em uma família de classe alta de Berlim e cuja mãe vinha de uma longa linhagem de pastores e líderes luteranos. Decidiu trilhar o caminho da Teologia e em 1927 já terminara seu doutorado, em que abordou a eclesiologia como a socialidade do corpo de Cristo. Após um tempo em que atuou como pastor e professor em Barcelona e Nova Iorque, retornou a Berlim. Ali, mesmo com a possibilidade de fugir do país diante da ascensão dos nazistas ao poder, decide ficar com seu povo e fazer resistência ao regime hitlerista. Por isso, diz-se que apresenta uma “mescla extraordinária de biografia e teologia”⁴⁷. Como poucos na história da Igreja, Bonhoeffer viveu, lutou e sofreu as dores – até o martírio – de um regime neoteocrático, conforme foi possível observar pelas concepções de João Décio Passos, apresentadas anteriormente e que evidenciam esse sistema. Por isso, a crítica de Bonhoeffer é sempre relevante diante da ascensão de novos governos autoritários que usurpam o lugar da religião como motivadora e geradora de vida para o ser humano.

A seguir, como subdivisão desta parte do artigo, usaremos da teologia de Bonhoeffer para apresentar uma crítica a essa postura neoteocrática, respondendo por meio de sua reflexão aos três elementos destacados por João Décio Passos: o Deus pantocrator, a guerra entre o bem e o mal e o líder mitológico.

O Deus *pantocrator* e a cruz do Nazareno

Como evidenciado anteriormente, as neoteocracias são governos que advogam em favor do agir direto de um deus todo-poderoso no mundo, que sempre realiza a sua vontade. Sendo assim, o fiel é compelido a obedecer ao divino, o que significa obedecer ao seu representante, seja na pessoa do líder religioso, seja na instituição religiosa – como se trata aqui sempre do cristianismo, igreja –, para receber favores e bênçãos, vitórias e prêmios.

Bonhoeffer, por sua vez, não defende a ação do Deus *pantocrator*. Ele faz severas críticas a essa perspectiva do divino, chamando-o de ‘*deus ex-machina*’, isto é, um deus que literalmente sai da máquina, que, nos teatros da antiguidade, intervém e resolve a situação-problema da peça. Para o luterano, contudo, as sociedades já chegaram à maioria, ou seja, são responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento e existência: precisa-se “viver no mundo – ‘*etis deus non daretur*’, como se

⁴⁷ FORTE, Bruno. *À escuta do Outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 147.



Deus não existisse.”⁴⁸ Nesse sentido, nega-se a intervenção do *pantocrator* para se assumir a responsabilidade da própria vida, o cuidado de si e do outro, da Igreja e da criação. Não há, para Bonhoeffer, a possibilidade de uma teocracia – nos moldes do nazismo ou da neoteocracia –, porque Deus não colocaria no poder um representante seu. Pelo contrário, o Deus cristão é o Deus que se esvazia, escolhe a fraqueza, deixa-se levar à cruz e ao martírio, ele tem a sua *kénosis* (Fl 2,6-9) e nos convida a fazer o mesmo (Fl 2,5).

A nossa maioria nos leva a um reconhecimento mais veraz de nossa situação perante Deus. Deus nos faz saber que temos de viver como pessoas que dão conta da vida sem Deus. O Deus que está conosco é o Deus que nos abandona (Mc15,34)! O Deus que faz com que vivamos no mundo sem a hipótese de trabalho. Deus é o Deus perante o qual nos encontramos continuamente. **Perante e com Deus vivemos sem Deus.** Deus deixa-se empurrar para fora do mundo até a cruz; Deus é impotente e fraco no mundo e exatamente assim, somente assim ele está conosco e nos ajuda⁴⁹.

Nesse sentido, fica claro para o mártir luterano, já ao final da sua vida, preso e diante da própria morte, um abandono igualmente sentido por Jesus na Cruz (Mc 15,34). O cristianismo é a religião quenótica, do serviço, da entrega, do abandono de Deus e não do poder, do domínio, do governo teocrático. A maioria exige a compreensão de que o mundo está sem Deus e com a cruz: “ao que tudo indica, temos que aprender a soletrar novamente a cruz”⁵⁰. O mundo sem-Deus pode estar mais perto de Deus que o neoteocrático ou o menor de idade.⁵¹

A guerra entre o bem e o mal e Cristo, o centro

Os governos neoteocráticos defendem a existência de uma guerra cósmica entre o bem e o mal que tem suas consequências para a vida natural. É, portanto, dever da igreja lutar pelo bem no que for possível, inclusive no âmbito político, elegendo líderes que representem o divino. Bonhoeffer, contudo, nega essa perspectiva dualista e afirma ser Jesus Cristo o centro de toda história e criação. O movimento de Cristo é a presença no mundo e não o abandono do mundo; é o serviço e a entrega e não o controle total. Por isso, também o discípulo do Nazareno é desafiado a servir seu semelhante e não guerrear com ele. Como seu mestre, o cristão deve amar a

⁴⁸ Ambas as expressões em latim estão no texto de Bonhoeffer e são amplamente conhecidas, por isso foram mantidas.

⁴⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 487-488. Grifo nosso.

⁵⁰ VEIT, 1980, p. 25.

⁵¹ “O mundo que chegou à maioria é mais sem-Deus e, por isto mesmo, talvez esteja mais próximo de Deus do que o mundo menor de idade”. BONHOEFFER, 2015, p. 491.



criação e reconhecer o Crucificado e Ressurreto como aquele que agrega e reúne as diferentes realidades: “a centralidade de Cristo é o motivo para a abertura dos horizontes da igreja em direção ao mundo na sua realidade concreta”⁵².

Conhecer a Deus significa conhecê-lo no centro da vida [...] Bonhoeffer percebe que Deus não é apenas o criador de todas as coisas, mas também é aquele que preserva e redime todas as coisas. [...] Jesus não foi a perfeição consumada, mas sempre esteve em luta; Ele é o ser humano real e concreto; não se trata de uma fronteira, mas habitou o centro da existência humana⁵³.

Nesse sentido, o *ethos* cristão é possibilitar a realidade do ‘eu’ e do mundo na realidade última de Cristo. O cristão “participa simultaneamente da realidade de Deus e do mundo, uma não sem a outra”⁵⁴, traz para a realidade do mundo o mundo de Deus. Reúne, portanto, a imanência e a transcendência na revelação da cruz: Cristo revelado no mundo. Dessa forma, não se separam os dois âmbitos divino e mundano – a que o luterano chama “raciocínio em esferas”⁵⁵. Jesus é o fim da dualidade, a presença de Deus no mundano; também seu discípulo: “pertencendo totalmente a Cristo, ele está, ao mesmo tempo, com os dois pés no mundo”⁵⁶.

É interessante notar que, nessa perspectiva, a Igreja está a serviço da sociedade independente de condições históricas e lideranças políticas. Nesse sentido, ela tem o papel profético de criticar o Estado quando esse abandona sua missão maior de proteger e promover o desenvolvimento da sociedade, não obstante em que lugar do espectro político se encontre. Não há espaço para falar de guerras entre o bem e o mal – entendendo-se os “evangélicos” como o bem e os não-“evangélicos” como o mal –, porque o corpo de Cristo está disposto a ir até o martírio por todo ser humano. Essa é a revelação escandalosa da cruz do Crucificado: “Orientação na cruz significa em nossos dias: Agir, agir conjuntamente. A resistência dos cristãos a um mundo desumano tem que se tornar palpável, ‘luz do mundo’ que não está sob o alqueire”⁵⁷.

⁵² PANGRITZ, Andreas. Who is Jesus Christ for us today?. In: GRUCHY, John W. de (Ed.). *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 134.

⁵³ BARCALA, Martín. *Cristianismo arreligioso*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 54.

⁵⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2020. p. 125.

⁵⁵ BONHOEFFER, 2020, p. 125-127.

⁵⁶ BONHOEFFER, 2020, p. 128.

⁵⁷ VEIT, 1980, p. 27.

Líder mitológico

Por fim, a neoteocracia precisa de um líder mitológico que represente os ideais do Deus, da pátria e da moralidade. Ele é a antecipação da salvação escatológica, é o messias que vem trazer tempos áureos de plenitude. Esse personagem integra em si os anseios religiosos e políticos e, por isso, muitas vezes é confundido com o divino.

Nos tempos de Bonhoeffer, esse personagem era Adolf Hitler, líder do partido nazista, que assumiu o título de *Führer*. O conceito de *Führer* – traduzido por “guia” ou “líder” – é anterior ao austríaco e evoca o sentimento pangermânico do começo do século XX, associado à unificação da Áustria ao reino alemão.⁵⁸ Diante das suásticas, que comemoravam sua nomeação como chanceler e eram espalhadas inclusive nas igrejas, Bonhoeffer assume sua resistência ao nazismo e prega: “a igreja tem apenas um altar, o altar do todo-poderoso [...] diante do qual todos devem se ajoelhar. Quem buscar algo diferente disso, deve se afastar. A igreja só possui um púlpito e dele será pregada a fé em Deus e nenhuma outra”⁵⁹.

O que as igrejas alemãs fizeram em grande parte foi trocar o culto a Deus pelo culto ao líder mitológico, tornando-se os “Cristãos Alemães”. A oposição de Bonhoeffer a esse movimento era clara; para o luterano, a igreja deixaria de ser igreja, caso escolhesse o culto ao *Führer*. Quem fosse o líder do país estaria sempre abaixo da autoridade de Deus, logo não poderia lhe usurpar o lugar. Aquele que o fizesse seria um “sedutor” – em alemão *Verführer*. O jogo de palavras do mártir luterano marca sua opinião: nenhum líder pode se colocar na posição do divino, sob pena de se tornar um sedutor, um ídolo.

O líder [*Führer*] tenta se tornar o ídolo que liderados procuram – algo que os liderados sempre esperam de seu líder – então a imagem do líder se transforma em sedutor [*Verführer*], então o líder está agindo inadequadamente em relação aos seus liderados e também em relação a si mesmo. O verdadeiro líder deve estar sempre preparado para desapontar. Esta é especialmente parte da responsabilidade e objetividade do líder.⁶⁰

⁵⁸ CALDAS, Carlos; SELL, Wilhelm. Vocações políticas da Igreja em tempos sombrios: denúncia de Dietrich Bonhoeffer ao messianismo político. *Protestantismo em Revista*, v. 46, n. 01, 2020, p. 54.

⁵⁹ BETHGE, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. Minneapolis: Fortress Press, 2000, p. 257. Tradução livre.

⁶⁰ BONHOEFFER, Dietrich. Berlin: 1932-1933. DBW 12, Minneapolis: Fortress Press, 2009, p. 9. Apud: CALDAS, Carlos. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil*. São Paulo: Garimpo, 2016, p. 98. Em inglês o jogo de palavras é feito com ‘leader’ e ‘misleader’, que também evidenciam essa mudança, apesar de as palavras no alemão serem mais marcantes. BETHGE, 2000, p. 262.



Por fim, diante do parágrafo ariano imposto por Hitler e aceito pelas igrejas, mais uma vez Bonhoeffer se manifesta sobre a relação Igreja-Estado. Para o luterano, a igreja precisa ser um lugar onde “judeus e alemães estão juntos sob a Palavra de Deus; essa é a prova se uma igreja ainda é igreja ou não”⁶¹. Diante disso, a igreja teria a responsabilidade de sempre agir a partir de três princípios. Em primeiro lugar, avaliar se uma ação do governo é legítima. Em seguida, ajudar as vítimas que sofrem com determinada ação. Por último, afirma o teólogo que é preciso “parar a roda do mal”⁶².

Sendo assim, para Bonhoeffer, segundo sua tradição luterana, igreja e estado são realidades transitórias, passageiras – penúltimas em relação à realidade última da eternidade divina -, devendo ser necessariamente separadas, cada uma com sua missão. Ao estado, a ordem e o desenvolvimento da sociedade; à igreja, obediência ao Estado, desde que este esteja submetido a Deus. Por isso, Bonhoeffer decide se rebelar contra o governo do seu tempo: para o nazista, a causa germânica era maior que a ética ou o mandamento divino; o *Volk* estava acima da Igreja. Para Bonhoeffer, contudo, a obediência ao Estado terminaria quando o governo legislasse contra os mandamentos divinos.⁶³

É evidente, portanto, que o líder mitológico da neoteocracia é um enganador, um “sedutor”, alguém que deseja usurpar o lugar de Deus e não ser seu representante. Além disso, a igreja que se dobra ao ídolo e aceita seu autoritarismo deixa de ser o corpo de Cristo. Participamos assim que esta releitura do pensamento de Bonhoeffer em diálogo com o que observamos sobre a teocracia no Brasil, sobretudo, tendo em consideração aquilo que foi vivido nos quatro anos de governo Bolsonaro, é algo que possibilita uma análise pertinente e necessária.

Considerações finais

A neoteocracia é um movimento que precisa ser considerado numa análise política e social da realidade brasileira. Do ponto de vista religioso - mais especificamente cristão -, é sempre perigosa a aproximação entre líderes de estado e a fé, sob pena de a fé ser esvaziada de seu conteúdo original para servir ao projeto político. A relação entre religião e política se faz

⁶¹ BETHGE, 2000, p. 273. Tradução livre.

⁶² BETHGE, 2000, p. 275.

⁶³ BONHOEFFER, 2020, p. 211-223.



necessária e a articulação é importante, sem, porém, criarmos uma “política religiosa” ou uma “religião política”.⁶⁴

Portanto, a partir das considerações de João Décio Passos e da crítica de Bonhoeffer, chega-se a algumas conclusões. Em primeiro lugar, a crença no Deus *pantocrator* pode trazer uma série de questões complexas para a fé cristã contemporânea, bem como ser usada para justificar comportamentos anti-cristãos; é com base na onipotência divina que os líderes neoteocráticos estabelecem seus projetos autocráticos. De outra parte, a fé cristã é fundamentada no Deus que se encarna e se entrega ao martírio de cruz. Por isso, afirma Bonhoeffer, que só o Deus fraco pode nos salvar. A fraqueza, a doação, o serviço, isto é, a salvação cristã e não o estabelecimento de um reino supostamente de Deus no tempo presente.

Em seguida, a neoteocracia usa a lógica da guerra para se estabelecer como a necessária salvação diante do mal – que pode ser uma ideologia, um grupo político ou religioso. A crítica bonhoefferiana é perceber que Cristo é o centro de toda história e criação. Nesse sentido, tudo que existe é realidade secundária em face da soberania do Nazareno. Por isso, o cristão é desafiado a ser seu imitador, existindo no mundo não como soldado numa guerra, mas como servo dos seres humanos, quem sejam.

Por último, o líder mitológico, representante do divino para governar uma nação contra o mal, não passa de um sedutor, um enganador. Para o mártir luterano, todo governo deve se submeter a Deus, à sua Lei do amor-caridade; caso não o faça, é idólatra e deve ser questionado – até mesmo combatido. A resistência de Bonhoeffer ao nazismo, portanto, é atemporal diante do recrudescimento desses movimentos autoritários de direita e serve como modelo para a igreja brasileira da atualidade, para que não caia na tentação de ser apenas instituição e mantenha seu papel de Corpo de Cristo, comunhão dos santos com o Crucificado e Ressurreto.

Referências

ARAUJO, Victor. Igrejas evangélicas apresentaram crescimento vertiginoso no Brasil nas últimas décadas. São Paulo: Jornal da USP, 6 jun. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/igrejas-evangelicas-apresentaram-crescimento-vertiginoso-no-brasil-nas-ultimas-decadas/>>. Acesso em: 24 set. 2023.

⁶⁴ KUZMA, 2020, p. 82-83.



ARREGI, José. et al. *Después de Dios: otro modelo es posible*. Nuevo Tempo Axial, 2021. Disponível em <<https://amerindiaenlared.org/contenido/19429/libro-digital-despues-de-dios-otro-modelo-es-posible>>. Acesso em: 19 Set. 2023.

AVERSA, Victor Pereira. Necropolítica e Cristofascismo: Soberania, violência e religião na manutenção da política bolsonarista. *Espaços - Revista de Teologia e Cultura*, v. 29, n. 2, p. 33–50, 2021.

BALLOUSSIER, Anna Virginia.; BOGHOSSIAN, Bruno. Datafolha: Evangélicos não trocam Bolsonaro por Lula, apesar de aborrecidos com governo. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 set. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/datafolha-evangelicos-nao-trocamos-bolsonaro-por-lula-apesar-de-aborrecidos-com-governo.shtml>> Acesso em: 18 jun. 2023.

BARCALA, Martin. *Cristianismo arrelioso*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BETHGE, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. Minneapolis: Fortress Press, 2000.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2020.

BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.

CALDAS, Carlos. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil*. São Paulo: Garimpo, 2016.

CALDAS, Carlos; SELL, Wilhelm. Vocação política da Igreja em tempos sombrios: denúncia de Dietrich Bonhoeffer ao messianismo político. *Protestantismo em Revista*, v. 46, n. 01, p. 50-63, 2020.

CAMURÇA, Marcelo. Intolerância religiosa e a instrumentalização da religião pelo autoritarismo. *Religião e Poder*. Rio de Janeiro, 15 set. 2021. Disponível em <<https://religioepoder.org.br/artigo/a-intolerancia-religiosa-como-forma-de-instrumentalizacao-da-religiao-pela-politica-e-pelo-poder-autoritario/>> Acesso em: 17 de jun. de 2023.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião e política no Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000: o protagonismo dos evangélicos. *Fronteiras*, v. 3, n. 1, p. 40-65, 2020.

CUNHA, Magali. Bolsonaro é o presidente que adere, sobe no altar e dá vazão à pauta de evangélicos. Entrevista especial com Magali Cunha. 23 set. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159--noticias/entrevistas/592752-bolsonaro-e-o-presidente-que-adere-so-be-no-altar-e-da-vazao-a-pautas-de-evangelicos-entrevista-especial-com-magali-cunha>>. Acesso em 19 set. 2023.

ESTRADA, Juan Antonio. *Las muertes de Dios*. Ateísmo y espiritualidade. Madri: Trota, 2018.



FORTE, Bruno. *À escuta do Outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

IACOPINI, Beatrice. Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo. *Cadernos Teologia Pública*, v. 20, n. 163, 2023.

KUZMA, Cesar. A urgência de uma teologia política: crítica e desafios para o atual contexto brasileiro. *Revista de Cultura Teológica*, n. 96, p. 72-75, mai./ago., 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/50331>>. Acesso em: 23 set. 2023.

LACERDA, Fábio; BRASILIENSE, José Mário. Brasil: la incursión de los Pentecostales en el Poder Legislativo Brasileño. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastian (Eds.). *Evangélicos y poder en América Latina*. 2. ed. Lima: Konrad Adenauer Stiftung (KAS); Instituto de Estudios Social Cristianos (IESC), 2019, p. 223-259.

OLIVEIRA, Jelson. *Negação e poder: do desafio do niilismo ao perigo da tecnologia*. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

PANGRITZ, Andreas. Who is Jesus Christ for us today?. In: GRUCHY, John W. de (Dir.). *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

PASSOS, João Décio. *No lugar de Deus: Ensaios (neo)teocráticos*. São Paulo: Paulinas, 2021.

SPYER, J. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração, 2020.

PY, Fábio. Cristofascismo, uma teologia do poder autoritário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sócio-religioso. *IHU On-Line*. São Leopoldo, 01 jul. 2020. Disponível em <<https://www.ihu.unisinos.br/600150-cristofascismo-a-uniao-entre-o-bolsonarismo-e-o-maquinaro-politico-socio-religioso-entrevista-especial-com-fabio-py>> Acesso em: 17 jun. 2023.

SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. Del Rey: Belo Horizonte, 2006.

SINNER, Ruldof von. Is There No Sense of Shame Among Evangélicos?: The Idolatry of Bolsonaro and the Constraints of the Gospel. *International Journal of Public Theology*. v. 16, p. 113-132, 2022.

VALERIO, Samuel. Pentecostalismo, catolicismo e bolsonarismo: convergências. *Revista brasileira de História das Religiões*, n. 37, p. 112-136, 2020.

VEIT, Marie. A pergunta por Deus em uma era pós-teísta. *Estudos Teológicos*, v. 20, n. 1, p. 19-27, 1980.

XAVIER, Liniker. Eleições 2018 e os valores cristãos na escola dominical: convergências e contradições pentecostais. *Interações*, v. 14, n. 25, p. 96-116, 2019.